

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 631

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ARCINHO

Com papas e bolos...

POR FELIZ VENTURA

Certo dia, Rapozinha, matreirinha sem igual, encontrou no seu caminho um Ouriço, seu vizinho, bem airoso por sinal, que há muito já a tentava, pois daria bom almoço, um petisquinho afamado, se não fôsse a tal couraça que o resguardava do risco de poder ser devorado.

Logo a Dona Raposona fingiu ter grande alegrão e disse, numa mesura, com alegre exclamação: — «Ora viva, meu vizinho! Onde vai tão apressado? Ninguém o consegue ver!» — «Não diga tal, amiguinha, eu tenho tido o prazer de saber todos os dias se de saúde vai bem.» — responde o pacato Ouriço muito sensibilizado —

— «Mas, que pena, Não sabia!»
— diz a raposa serena, que grande pena fingia. —

— «Ora, ora, minha amiga, não fique tão compungida. Eu já me vou retirar. Tenho que ir à minha vida.»

Dona Raposa que andava só para ver se apanhava o pobre Ouriço a seu jeito, tinha já dito e redito:

— «O' vizinho êsses seus picos não lhe servem para nada. Muitos bichos desejosos de o virem cumprimentar não o fazem receosos de nêles se irem picar.

Por isso escute o conselho de quem só quiere o seu bem. Tire essa imunda couraça que o faz ser tão mal olhado e verá



que só fará torná-lo mais asseado.»

Então, após, paciente, a lenga-lenga escutar, Dom Ouriço respondeu suavemente: — «Sim, hei-de nisso pensar!...»

Passam dias, passam meses, e o Ouriço gasta o sem pobre toutiço dia e noite a meditar.

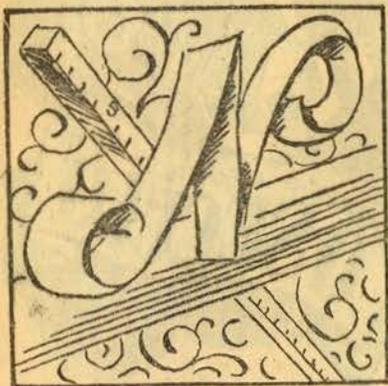
Até que um dia resolve, depois de já concordar



(Continua na página 4)

A UNIÃO FAZ A FÔRÇA

por ISOLDINA



UM intervalo do baile.

A um canto do salão, encostados à parede estão dois instrumentos:—um violão e um banjo.

Mais além, sôbre o sofá, um violino.

No meio do silêncio que reina, ouve-se um leve sussurro e logo uma vozinha aflautada que diz: — «Olá! colega violão. Parece que não está satisfeito? Pareceu-me ouvi-lo suspirar...»

— «É verdade, dona Flauta. Foi um suspiro de grande fadiga que não pude reprimir, de tal modo me sinto extenuado. A minha amiga é que, certamente, não está cansada!»

— «Alguma coisa... E você, amigo Banjo?»

— «Eu? Ai, nem já sinto a pele da barriga!...»

— «Pois, meus amigos — torna o violão — eu tenho os bordões escangalhados de todo. Iam-me deitando os tampos dentro. Mas agora reparo: Enquanto nós, por muito favor, ficamos encostados à parede, aquele fidalguinho — e relanceou um olhar de esguelha para o violino — está refastelado no sofá! Olá, fidalguinho? V. Ex.^a não se digna responder?»



— «Que tem que ver convosco um nobre Stradivárius? Deixai-me em paz, e falai e gemei para aí à vontade!»

— «Ah! Ah! Ah! — riram os outros. — Um Stradivárius! Não querem lá vêr? Quando muito, uma reles imitação...»

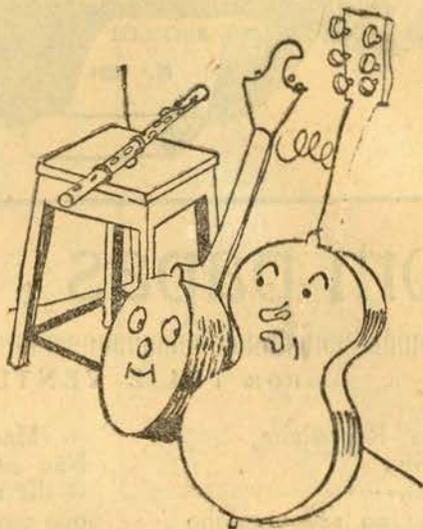
— «Plim... in...» Este som safu de um armário próximo.

— «Oh! oh! Isto é um protesto daquela gemebunda dama que só sai em dia de festa extraordinária.»

— «Que deseja V. Plangência? Está agoniada?» — pergunta o violão, olhando de esguelha para o armário entre-aberto. Responde:

— «Não, meus amigos... mas as vossas brigas desgostam-me tanto... Cada um é para o que nasce.»

— «Tem razão a nossa colega Guitarra Hawaiana.» — acode o banjo, conciliador.



Mas o pretenso Stradivárius é que estava melindrado por pôrem em dúvida a sua nobre linhagem, e retorquiu:

— «Bem sabem que eu sou o instrumento aristocrático por excelência. Basta dizer-se que possuo uma alma como qualquer mortal; ao passo que vocês... pobres plebeus, sem sentimento...»

— «Fôra, fôra!» — interromperam os outros, indignados.

— «Presunção e água benta...»

Ouvem-se passos e logo todos se sentem transportados para o salão de baile. Mas reinava ali grande confusão, porque os músicos haviam saído, não se sabia para onde. As damas, impacientes, exclamavam:

— «Queremos dançar. Toquem qualquer coisa.»

Mas apenas o violinista estava no salão. Alguém alvitrou:

— «Serve mesmo o violino.»

Este, tocado por mão de mestre, começa a gemer, ternamente, na sua melhor voz. Depois, em gritos agudos, lançando aos ares, com sentimento, tôda a gama das suas vozes. Mas o seu som perdia-se no tumultuoso ambiente, resultando uma coisa lamentável.

As damas desistiram aborrecidas e o violino sentiu-se corar. Voltaram, enfim, os músicos e, então, em conjunto rompeu a orquestra com tôda a magestade, deliciando a assistência rodopiante.

Findo o baile e guardados os instrumentos no armário, é que foi discutir! Mas, agora, lá estava mestre Rabecão para lhes dar... a sua rabecada. E falou assim:

— «Ficai sabendo, amigos, que todos carecemos de auxílio, pois só a união faz a fôrça. Cada um por si nada vale sem o auxílio alheio. O nobre precisa do plebeu como o pobre precisa do rico, e vice-versa. Sôbre este assunto muito há a dizer. Mas descansemos agora, que disso bem precisamos, enquanto outra função nos não reclama.»

Ouviu-se um prolongado sussurro e tudo caiu no silêncio.



Lê, minha menina...



por GRACIETTE BRANCO

Esta secção, que hoje inauguro nas páginas sempre queridas do nosso grande amigo «Pim-Pam-Pum», é dedicada a ti, Menina Portuguesa, simpática menina de olhos azuis ou negros, de cabelos escuros ou loiros, menina que encerra, na sua Alma e no seu Coração, todos os tesouros legados por mil gerações de outras meninas, que se tornaram Mulheres Portuguesas! — as mais nobres e exemplares Mulheres de todo o Mundo.

*

Sou muito tua amiga, Menina Portuguesa, e, por isso, a par dos versos com que costumo entreter-te nas horas de recreio, gosto, também, de conversar contigo, dando-te alguns ensinamentos, guiando um pouco a tua personalidade e conhecendo as tuas aptidões.

Não vais julgar — tenho a certeza — que quero ocupar o lugar da tua boa Mãezinha!

Ela será sempre a melhor orientadora da tua vida, o mais límpido espelho onde deves mirar-te!

Quero, apenas, auxiliá-la um pouco, na sua encantadora e grata missão; é mesmo possível que tenhas irmãosinhos mais novos e que os seus afazeres e preocupações a forcem a afastar-se de ti.

Por isso, eu aqui estou a teu lado.

Dize-me uma coisa: Já vieste do colégio, não é verdade? Soubeste as li-

ções? Já fizeste as obrigações que a professora te passou para casa? Já?

Então, vamos conversar.

A conversa de hoje é dirigida à tua alma.

Eu quero saber, em primeiro lugar, se tu és bondosa, obediente, esmolera... se nunca mentes.

Para que eu seja profundamente tua amiga, preciso de ter a certeza de que a tua alma está livre de defeitos e a tua boca limpa de mentiras.

Mentir é dos maiores pecados da vida.

Em pensamento, passa em revista o dia de hoje.

Vamos lá. Antes da partida para o colégio não ralaste a mãezinha? Deste-lhe um beijo com amor e respeito? Lavaste-te e penteaste-te com cuidado, sem pressas, mas, também, sem perdas de tempo? Trataste com amizade as tuas criadas? Não ralaste, a caminho do colégio, aquela que te acompanha? E no colégio? Falaste, atenciosamente, ás professoras e ás tuas condiscípulas? Na hora do recreio brincaste, igualmente, com todas? Tanto com a menina pobre como com a menina rica? E... não disseste nenhuma mentira?... Nenhuma?! Nem mesmo uma, que julgues pequenina? Tens que ser franca comigo. Daqui, de tão longe, sigo o vôo do teu pensamento. Se alguma mentira saiu hoje da tua boca, ela vem agora à tua memória e queima-te a consciência, como um ferro em brasa. Essa queimadura torturante

Concurso: — GRANDES DE PORTUGAL

PREMIADOS



Maria Luíza Calheiros Vellozo de Sampalo



Laura Libânia Correia

AVISO AOS CONCORRENTES

A partir do dia 7 do corrente, encontram-se nesta redacção as cadernetas dos concorrentes de Lisboa, à disposição daqueles que desejem revê-las.

chama-se remorso e só desaparecerá no momento em que desfizeres a mentira.

E, se ficares envergonhada contigo própria — (o que sempre acontece a quem tem nobres sentimentos) — escreve-me, desabafa comigo, conta-me os teus receios e as tuas apreensões.

Agora, tenho que deixar-te. Hoje, foi apenas uma conversa de breves minutos!

Adeus, minha querida Menina Portuguesa! Fico ansiosa pelas tuas cartinhas.

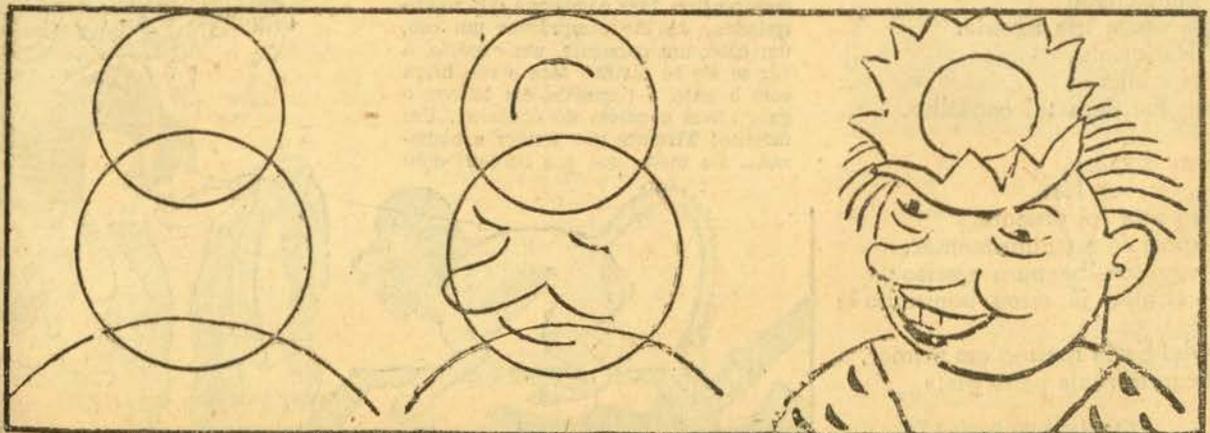
Sobre qualquer assunto, de ordem moral ou prática, peço-te que me escrevas, que eu farei o possível por te aconselhar e orientar com justiça e amizade. Dirige as tuas cartinhas para a redacção do «Pim-Pam-Pum», rua do Século, 43, Lisboa. Responder-te-ei nesta secção.

Até muito breve.

Tua muito amiga

GRACIETTE

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha o rei do Carnaval

O MACACO DO ANUNCIO

Por MARIA ARCHER



(Continuado da pagina 1)

que a couraça que trazia só servia para muito o desfeiar, ir ao mestre Macacão, o melhor cabeleireiro de então, que tratava a clientela com a maior atenção.

Depois, assim que se viu já rapado e barbeado, mal no espelho se mirou, encheu-se todo de orgulho, pois pensou e bem julgou que assim iria agradar à Rapozinha amiguinha que lhe dera tal conselho.

Sem demora, tic, tic, rua fóra, logo esta foi procurar. Depois de a cumprimentar, perguntou-lhe num sorriso: — «Então já estou bonitinho?»

«Oh! Estás mesmo um primor, chega-te mais para ver;»

(Continua na pagina 7)



— «SIM senhor, dizia o amigo Fagundes, mande-me um macaco. Um macaco pequeno, de pêlo cinzento e cauda flexível, que salte, que guinche, que divirta a gente. Tenho um filho, o Fernando, e quero que ele se distraia em casa. Um macaco sempre serve de companhia! Bem vê, o Fernando é criado em casa, muito agarrado à mãe, sem camaradas, sem rancho de estúrdia; fazemos assim para o conservar bem educado, para que se não perca com os maus exem-

macaco. Portanto, meu caro, assim que chegares à África, despacha-te, e manda-me um macaquinho no primeiro vapor.»

O amigo Pancrácio prometeu cumprir o pedido. Estavam ambos no cais, com o vapor ao lado, e o amigo Pancrácio dispunha-se a partir para Angola. Assim que soaram os apitos da praxe, o Pancrácio deu ao Fagundes os abraços rituais, com as palmadinhas nas costas, e subiu as escadas do barco. Não tardou a abalar para as terras africanas.

Mal chegou a casa, Fagundes disse para o filho:

— «Deixa estar, Fernando, que vais ter um novo amigo. O macaco chega um destes dias. Vai ser um bom companheiro, verás.»

Dois meses depois, o Fagundes recebeu carta do Pancrácio avisando-o de que o macaco, com a sua gaiola de madeira, estava a bordo do vapor onde seguia essa carta.

Fagundes foi logo buscá-lo. E regressou num taxi, exibindo, triunfantemente, a gaiola onde vinha o macaquinho.

O Fernando ficou radiante. Tiraram o macaco da gaiola e meteram-no no seu casinhôto novo, tão janota que até parecia um prégio pequenino.

Era um animalzinho esperto, com um pêlo sedoso e longo, os olhos vivos, e uma cauda fina, comprida, que cortava o ar como um chicote. O Fernando achou-o lindo. Estava estranho, ainda desconfiado, e não brincava nem parecia querer brincadeiras. Foi pre-



plos, para que conserve os modos de menino fino. Mas o pequeno está muito isolado... Já lhe comprámos um cão, um gato, um papagaio, um canário, a vêr se ele se distrai. Mas o cão briga com o gato, o papagaio diz tolices, o gato ataca a gaiola do canário... Um inferno! Tivemos que vender a bicharrada. De modo que me lembrei dum



ciso deixá-lo só para lhe dar tempo a afazer-se ao seu novo poiso.

— «Vais ver!... Um macaco é um companheiro admirável — dizia o Fagundes.—E não corres o risco de aprender más-criações...»

Quando se deitaram, ainda o macaco se encolhia no canto do casinhôto, sem dar confiança às pessoasas.

Mas, de noite, ninguém pregou olho naquela casa! Ouviam-se passos misteriosos, corridas de fantasmas, remexidas de ladrões... Que seria? O Fagundes, cheio de medo, barricara a porta do quarto. E o Fernando, a tremer o queixo, metia-se pela cama abaixo, com os cobertores sobre a cabeça.

— «São fantasmas!» — dizia a mãe.

— «São ladrões!» — dizia o pai.

— «São ratos!» — dizia o filho.

— «E' o macaco!» — pensava a criada.

E era o macaco. Ao vêr a casa sossegada saíra do casinhôto e começara a visita aos aposentos. De manhã, o sofá



tinha o veludo rasgado, e as almofadas de sêda, e os panos de renda, jaziam no chão, espatifados, com o macaco a pinchar-lhes em cima!

— «Olha para este preparo! — exclamou a mãe. — Sim, senhor! E veio este mafarrico lá do fim do mundo para brincar com o nosso filho sem lhe ensinar maus exemplos!»

Entretanto, o Fagundes, muito arreliado, lançava a mão ao macaco e, depois de o ter bem seguro, dava-lhe um par de sopapos. Mas o figurão zangou-se, e, com a energia dos filhos da selva, procurou safar-se. Deu um salto, escapou-se das mãos do Fagundes e empoleirou-se no candieiro.

Aqui é que foram elas!

O candieiro, em sêda côr de rosa, ia dum lado para o outro como um baloioço, e o macaco, enfurecido, guinchava em cima dêle. Dali, saltou para o cortinado, rasgou-lhe as rendas, e depois pendurou-se outra vez no candieiro. O Fagundes foi buscar a bengala e correu atrás do bandido. Mas êle, ladino e ágil, saltava dum lado para o



outro, sempre perseguido pela bengala do Fagundes, e em cada salto partia coisas. A estatueta, a jarra, o espelho, o cinzeiro, a taça, estavam em fanicos. E o Fagundes, ao atirar as bengaladas, cêgo de raiva, não apanhava o macaco, mas partia os vidros, os móveis, o mármore das mesas, as caixas, amolgou as pratas...

— «Que exemplos! Que exemplos para o nosso filho!...» — clamava a mãe.

A criada apareceu com uma cólcha nas mãos, desdobrada, e, quando viu o macaco a jeitos, atirou-lha para cima e tapou-o. Assim puderam apanhá-lo e prendê-lo na gaiola.

Então, sentaram-se e olharam o desastre. Estavam estafados, com os cabelos desgrenhados e a cara assarapantada. A cêna parecia o documentário duma guerra civil. «Ah! aquêlê macaco! Oh! aquêlê bandido!...»

Fagundes tomou nova resolução. Sentou-se à secretária e escreveu êste anúncio:

MACACO

Vende-se um, quási de graça, ou troca-se por peizes de água-dôce, pombos, cágados, ratos brancos ou qualquer outro animal inofensivo. E' muito meigo, muito divertido, tem pilhas de graça, e faz excelente companhia.

— «Vai levar êste anúncio ao jornal. — disse Fagundes para a criada. — E que o ponham hoje mesmo... Hoje mesmo!»

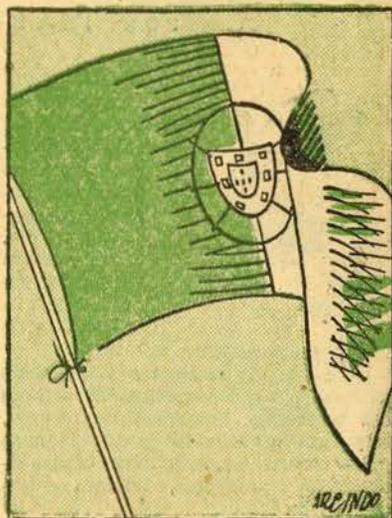
Nêste comenos ouviram grande barulho no quarto do Fernando. Correram, a vêr o que se passava. Encontraram-no no chão, a gritar, com o candieiro do tecto em cima. E' que o Fernando fizera, como o macaco, um baloioço do candieiro!

— «Ah! — gemia o Fagundes — como os maus exemplos se aprendem de pressa!».

F I M

OS NOSSOS CONCURSOS
ENCONTRAI RIMAS
E FIXAI CONCEITOS

POR JOSINO AMADO



Se a Pátria fôr defender,
Antes me façam em postas,
Do que no ar as mãos erg...,
Ou virar, fugindo, as c.....!

Bandeira da terra amada,
Escutai as minhas falas:
Defender-te-ei à dent...,
Quando já não tiver b.....!

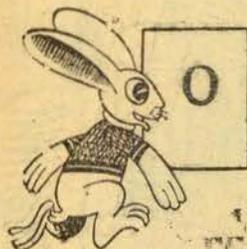


Evitai a distracção
Em tudo, a cada momento.
Com o adubo da aten...,
Cada grão produz um c.....!

Sem ela, o grão que se deita
A' terra, não produz nada;
E, quando chega a colh...,
Não chia a grande carr...,

A VISITA do INACINHO

POR ISABEL AREOSA



ZÉCA era um traquinas de alto lá com êle. Não davam conta do pequeno. Fazia dez partidas ao dia, ficava trinta vezes de castigo e levava açoites de

sessenta, em sessenta minutos.

Uma vez êle recebeu a visita duns amigos com quem gostava de brincar aos bombeiros. Subiam pelas colunas, trepavam aos telhados, penduravam-se pelas varandas e, com umas cordas simulando mangueiras, fingiam extinguir os incêndios.

Quando estavam no melhor da brincadeira, chegou a D. Aldegundes com o seu filho Inacinho.

A D. Aldegundes andava sempre a fazer propaganda da inteligência do seu Inacinho que, afinal, era um palerminha que nunca percebia nada, tinha medo de tudo e julgava-se uma grande personalidade.

— «Olha, vai brincar com os outros meninos...» — Disse ela.

O Zéca ficou logo mal humorado. Aquê Inacinho ralava-o sempre que se dispunha a brincar com êle e, agora, não tinha outro remédio senão aturá-lo.

— «Temos a tarde estragada. — (Disse êle para os outros.) Já não podemos continuar a brincar aos bombeiros porque êle tem medo de tudo. E' um medroso.»

— «Vamos jogar ao loto...» — Lembrou um.

— «Não pode ser — (Dizia o Zéca) — êle nunca percebe nada do jôgo. Não sabe o que é queimar e, se perde, chora. E' um choramingas.»

— «Então, vamos jogar ao eixo.» — Alvitrou outro.

— «Também não pode ser porque êle não aguenta com o nosso peso, deixa-se logo cair no chão e desata num pranto. E' um comichoso.»

— «Então corremos com êle; está o caso arrumado.» — Acabou por propôr outro.

— «Isso ainda era pior porque êle é um queixinhas, ia fazer queixa à mãe dêle e a mãe dêle fazia queixa à minha e a minha mamã ralhava-me.»

Mas, nessa altura, o Zéca teve uma idéa luminosa:

— «Só se êle se fôr embora por si próprio. Espera que eu já o arranjo.»

Reúniram-se todos e cochicharam um bocadinho.

Depois, sentaram-se numa tábuia do jardim.

Quando o Inacinho se aproximou com o seu ar muito imbecil, êles estavam rebelando de riso na expectativa do que iria suceder.

O Zéca começou, então, assim:

— «Ora viva o Inacinho! Como vai essa inteligência, cada vez maior, não é verdade?!»

O Inacinho nem sequer sabia o que havia de responder. Não percebia que estavam troçando dêle e tomou uns ares muito importantes.

O Zéca continuou:

— «Pois tu, com a tua inteligência cada vez maior, vais adivinhar esta adivinha:

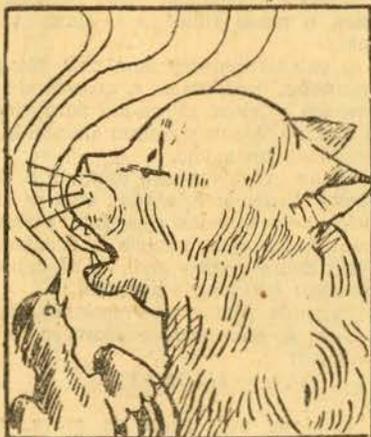
— Qual é a coisa, qual é ela, que tem focinho de gato, quatro patas, como o gato, cauda como o gato, pêlo de gato e canta como um rouxinol?»

— «Canta como o rouxinol?!... — pensava o Inacinho, embasbacado, — Então é o rouxinol!»

— «Ora essa — respondiam todos em côro — o rouxinol não tem quatro patas como o gato, nem focinho de gato, nem pêlo de gato...»

— «Canta como o rouxinol, tem quatro patas... Ah! já sei! E' uma grafonola!»

— «Ah! Ah! Ah!» (Riram êles. E com o entusiasmo, deixaram-se cair da tábuia abaixo).



— «Essa é mesmo tua, ó Inacinho!»

— «Ora essa — respondeu êle, todo escandalizado. Tenho lá um disco que canta como um rouxinol e a minha grafonola tem quatro pés!»

— «Pois sim, mas querias que a grafonola tivesse focinho de gato, pêlo de gato...»

— «Vê lá se adivinhas, está mesmo a dizer o que é! — Animava outro.

— «Para ser um gato, o gato não canta como o rouxinol...» — Observou, cada vez mais apalermado, o Inacinho.

— «Pois é mesmo um gato.»

— «Mas o gato mia, não canta.»

— «Mas eu disse que cantava para tornar mais interessante a adivinha...»

O Inacinho ficou de boca aberta com aquela esperteza, enquanto os outros se regalavam a rir.

— «Não adivinhei esta, por acaso» —



resmungou o Inacinho — porque eu sou bastante inteligente para adivinhar coisas mais difíceis até.»

— «Vá lá outra, ó Zéca, vá lá outra...» — pediam todos.

O Zéca, que tinha um vasto repertório de aneddotas e adivinhas, preparou-se para dizer outra, logo a seguir.

— «Vamos lá a ver se a brilhante inteligência do Inacinho resolve esta:

— «Tem boca, olhos e ouvidos, come peixe, anda pelos telhados como o gato e traz chapéu na cabeça.»

— «Ora, já sei! E' um gato; o chapéu é para tornar a adivinha mais interessante.»

— «Pois fica sabendo que não é nada para tornar a adivinha mais interessante. Traz mesmo chapéu.»

— «Come peixe... anda pelos telhados como o gato... Então, se não é gato, não sei.»

— «Pois é o limpa-chaminés.»

— «Ora essa — (exclamou, desesperado, o Inacinho). — Mas tu disseste que tinha boca, olhos e ouvidos como o gato!»

— «Não, senhor. Eu disse que tinha boca, olhos e ouvidos e comia peixe, mas não disse que era como o gato. Só disse que andava pelos telhados como o gato. Ora tu bem sabes que um homem tem boca, olhos e ouvidos e que come peixe e usa chapéu. Os limpa-chaminés, para andarem por cima dos telhados, têm de andar de gatas como os gatos.»

Não se faz idéa da cara do Inacinho e da risota dos outros.

— «Outra, outra!» — Pediam todos, cada vez mais entusiasmados, excepto o Inacinho, que já não estava nada contente com a brincadeira e se dispunha a fazer queixinhas à mamã.

— «Espera aí... ouve lá esta ainda, ó Inacinho!... (Pedi o Zéca. O Inacinho, de má vontade, ainda ficou.)

— «Olha lá, tu sabes qual é a diferença que há entre ti e um burro?»

— «Entre mim e um burro... ora deixa-me pensar... Entre mim e um burro?... A diferença?...»

— «Sim, vê lá se encontras...»

— «Entre mim e um burro... A diferença entre mim e um burro... Ainda não encontrei, deixa-me pensar...»

(Continua na página 7)

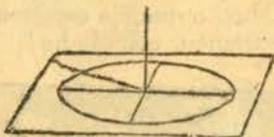
Curiosidades

A SOMBRA ERRANTE

D ESENHEM um círculo numa folha de papel branco, e duas linhas sobre o círculo, cruzando-se uma com a outra em ângulos rectos, no centro. Espetem, depois, um alfinete através do centro do círculo, na mesa onde a folha de papel estiver estendida. Ver-se-há que o alfinete projecta uma sombra ao longo do círculo.

O problema que não de apresentar aqueles que lhes tiverem seguido todos os seus gestos com interesse e curiosidade, é o de fazer com que a sombra projectada pelo alfinete, mude de sítio, sem se tocar nem no alfinete nem no papel.

Quando todos tiverem desistido da empresa, acendam um fósforo e dêem com ele umas poucas de voltas à roda da cabeça do alfinete. A sombra começará logo a girar duma forma muito interessante, e, se os assistentes tomam gosto pela brincadeira, é contar que a não largam enquanto se não esgotarem todos os fósforos que houver em casa.



PENSAMENTOS

I
O sucesso é o produto de três factores: o talento, o trabalho e a sorte.

II
A firmeza da convicção faz a grandeza da conduta.

III
As árvores não recusam a sua sombra a ninguém, nem mesmo aqueles que as deitam por terra.

Com papas e bolos...

(Continuado da página 4)

disse a Dona Raposona já pronta para o comer. Mas logo que o desgraçado, que no seu palavriado falso, se tinha fiado, mais uns passos se chegou, foi sem demora agarrado e ali mesmo devorado, nem sequer um ai soltou.

Com papinhas e com bolos é que se enganam os tólos, eis uma grande verdade que nesta história mostrei.

SOMBRAS DESENHADAS

E STÁ uma noite de chuva e de vento, mas nós fechamos bem as janelas, acendemos a luz (o candieiro pequeno de cima da mesa, é mais conveniente), e, confortavelmente instalados, vamos distrair-nos um pouco em qualquer coisa, querem? Ora, com que há-de ser? Já lhes digo, esperem aí.

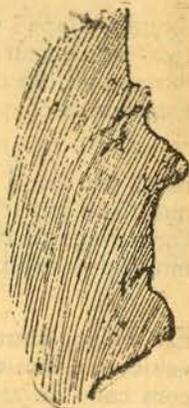
Alguém pode arranjar uma folha grande de papel branco? Muito bem; estende-se o papel em cima da mesa, muito liso e direito, porque temos que desenhar sobre ele. E, agora, um lápis... Quem tem? Pronto, este é esplêndido, bem aparado. Falta só um pedaço de papel pardo, ordinário, haverá por aí? Justamente, serve muito bem. Já não queremos mais nada. Fazem favor, empurram o candieiro para a esquerda do papel branco, sim? Um bocadinho mais perto; obrigado.

Rasguem, agora, um bocadinho ao papel

Apareceu alguma?

Oh! Que figura tão cómica...

Onde está o lápis? Vamos já apanhá-la. O melhor é desfazer a bola e tornar a amarrotá-la só mais uma ou duas vezes, porque senão pode ficar com as mesmas dobras. O papel, pardo é barato! E já aqui está mais! Lá aparece mais uma figura, e mais outra e outra! Por este andar, daqui a pouco temos uma gale-



pardo, aí de uns quinze centímetros quadrados, aproximadamente, e amarrotam-no na mão. Tal e qual. Ponham-no em cima do papel branco. Vão-lo virando e observando a sombra, até descobriremos nela uma cara.

ria de figuras exóticas. Olhem que lindas caras! E não se parecem umas com as outras.

Então, acham graça ao divertimento que lhes ensinámos?

A VISITA DO INACINHO

(Continuado da página 6)

— «Escusas de pensar que não encontras... Porque não há mesmo diferença nenhuma entre ti e um burro... Mesmo nenhuma...»

Então é que foram elas! Todos riam a bom rir, alguns até choravam de rir tanto.

Mas, a certa altura, cada um deu

Portanto, sêde prudentes, nunca vos queirais fiar no que, às vezes, vos é ditó com muito meigo falar, pois há mesmo muita gente que só se diz nossa amiga para depois nos lograr.

um salto e se esgueirou para seu lado o mais depressa que pode...

E' que, entretanto, o Inacinho escapara-se e fôra fazer queixa e a D. Aldegundes surgiu, de repente, no jardim, de mão na cinta, brandindo um sapato. Preparava-se para açoitar toda a tropa daqueles meninos malcriados, que estavam a troçar da grande inteligência do seu Inacinho.

ANEDOTA

O conselheiro T. de S. sendo ministro da Marinha e estando no seu gabinete a trabalhar, sentiu uma ligeira dor de cabeça.

Chamou um continuo e disse-lhe: — «Vá ali a uma farmácia, comprar-me um lápis de mentol.»

Passada uma hora, apareceu o homem, todo esbaforido.

— «Sr. Conselheiro, corri todas as papelarias mas não me foi possível encontrar o que deseje.»

— «As papelarias?»

— «Pois V. Ex.^a não me mandou comprar um lápis monumental.»

Uma Grande Verdade

Por LAURA CHAVES

Aquele chapéu velhinho,
todo rôto e sem varetas,
morava ali, ao cantinho,
com outros chapéus jarretas.

Mas, um dia, a sorte quis
que fôsse juntar-se ao rol,
chegadinho de Paris,
um lindo chapéu de sol.

Era baixo, atarracado,
«chic», «chic», até mais não!
com cabo de rebuçado
e sêda côr de limão.

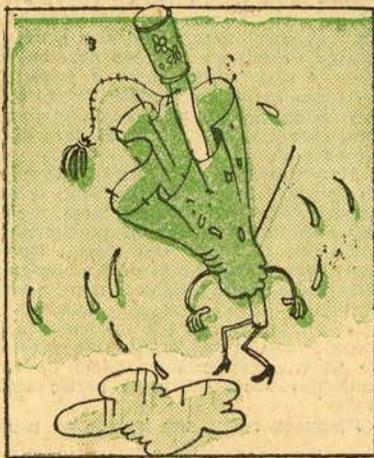
Logo a borla que trazia
se eriçou tôda enjoada,
contra tão má companhia...
Se era tudo uma velhada!



Havia-os com cabo de osso,
havia um, magrizela,
que trazia no pescoço
uma argolinha amarela.

Chapéu sem eira nem beira...
— «Donde é que viria aquilo?
Já sem botão nem ponteira,
bom para estar num asilo.»

Mas o tal chapéu velhinho,
ao vêr chegar o janota,
pôs-se muito direitinho
esquecendo a seda rôta,



disse assim: — «O' camarada,
não faça pouco de nós...
foi uma vida danada
que nêste estado nos pôs.

Quanta água em nós caíu!
Quantas lutas com o vento!
Sofríamos sem dar pio,
sem fraquejar um momento!

— «Vocês nem podem saber,
velhos chapéus do Grandela
— disse o outro — que poder
tem esta sêda amarela!

Pois se a chuva em mim cair,
não julgém que isso me afronta!
Se eu olho o sol a sorrir,
a água não me amedronta!»



Nisto, a vidraça cantou:
— «Já cai a chuva do céu!» —
E a velhada suspirou:
— «Quem 'inda fôsse chapéu!» —

Alguém foi direito ao canto
e mexeu na chapelada
que ouviu, pasmada de espanto:
— «Antes êste do que nada!» —

E o lindo chapéu janota
lá seguiu, arrepiado
a pensar: — «Isto dá bota!
Vou ficar todo encharcado!»

Assim foi. Quando voltou
outra vez para o cantinho,
meu Deus, o que êle espirrou!
O que tremeu, coitadinho!



Sempre numa convulsão
dizia o pobre de Cristo:
— «Que grande constipação!
Eu não nasci para isto!»

A seda, essa, ao outro dia,
com a chuva, desbotara...
Palavra, que parecia
que um gato a desfeiteara!

Ao vê-lo assim, tão vexado,
disse-lhe o velho chapéu:
— «Isto só prova o ditado:
«Cada um p'ró que nasceu!»